

Frases do jazigo escuro:
 — Jaz aqui Gil de Muquém.
 Era tão puro, tão puro,
 Que não viveu com ninguém.

Li num sepulcro de pedra:
 — Aqui jaz Maria Gaza.
 Era mendiga na rua,
 Com cinco milhões em casa.

Paixão que vem de outras vidas
 Pede cuidado a quem ama.
 Brasa guardada na cinza,
 Soprada, crepita em chama.

Reencarnação!... Vejo agora
 O suplício de João Nava...
 Renasceu filho da nora,
 Mulher que ele detestava.

A MENSAGEM E A RESPOSTA

Dava dó ver o Sítio do Espigão!
 O velho dono, o Nico do Norato,
 Desanimou de chão; tudo sem trato,
 Só carrapicho e mancha de pulgão.

Um dia, a fome veio de arrastão
 E o povo aflito, andando pelo mato,
 Começou a comer carne de gato
 Refogada no sumo de picão.

O patrão foi à prece... Pediu passes,
 Um guia aconselhou por João de Casses:
 — “Meus filhos, o trabalho é o nosso bem.”

Mas Nico disse irado: — “Acaba isso!
 Nós pedimos socorro e não serviço...
 Ninguém aqui é burro de ninguém!”

Alguém gravou no carneiro
Do velho Joaquim Lobão:
— Ensinava abstinência,
Morreu numa indigestão.

Da lousa do mestre Armando,
Há muito tempo esquecido:
— Este viveu ensinando
Sem nunca ter aprendido.

Lalau liquidou Quinquim
Com veneno no mingau,
Mas hoje Quinquim é o neto
Que vai herdar de Lalau.

Quem mata o tempo na vida,
Por muito que se conforte,
Acaba enterrado em vida
Muito tempo antes da morte.

A MORTE DE NHÁ MINA

Nhá Mina morre aos poucos, num palheiro!...
Lembra a orquestra do Mestre Carmelinho...
Quando moça, rasgava o cavaquinho
Nas noites de alegria no terreiro.

Sòzinha lembra... A flauta de Antoninho,
A sanfona de Juca Funileiro,
Depois... o mundaréu triste e inzoneiro,
Os maus-tratos e as mágoas do caminho...

Larga o corpo... Ouve acordes na janela,
A orquestra antiga toca junto dela,
Juca, Antoninho, Rita, Zico Prata...

A lua brilha... A noite é uma beleza!...
Nhá Mina sai... Parece uma princesa
Que vai casar no céu com serenata.